

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA-ICSEZ
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

MÔNICA PEREIRA FONSECA

**OLHARES DOCENTES SOBRE A REALIDADE DA ESCOLA DE VÁRZEA DA
COMUNIDADE VILA NOVA POR ENTRE BANZEIROS E BARRANCOS**

PARINTINS-AM

2021

MÔNICA PEREIRA FONSECA

**OLHARES DOCENTES SOBRE A REALIDADE DA ESCOLA DE VÁRZEA DA
COMUNIDADE VILA NOVA POR ENTRE BANZEIROS E BARRANCOS**

Artigo científico apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Educação e Zootecnia-ICSEZ/UFAM, como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia

Orientadora: Profª Dra. Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos

PARINTINS-AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F676o Fonseca, Mônica Pereira
Olhares docentes sobre a realidade da escola de várzea da comunidade Vila Nova por entre banzeiros e barrancos / Mônica Pereira Fonseca . 2021
29 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Comunidade Vila Nova. 2. Prática pedagógica. 3. Educação do campo. 4. Saber docente. I. Vasconcelos, Maria Eliane de Oliveira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

OLHARES DOCENTES SOBRE A REALIDADE DA ESCOLA DE VÁRZEA DA COMUNIDADE VILA NOVA POR ENTRE BANZEIROS E BARRANCOS

FONSECA, Mônica Pereira

VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira

RESUMO

Este trabalho intitulado “Olhares docentes sobre a realidade da Escola de Várzea da comunidade Vila Nova por entre banzeiros e barrancos” teve como objetivo investigar a prática pedagógica e os desafios de professores que atuaram em classes multisseriadas na Comunidade Vila Nova. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de estudo de caso. Para o levantamento de dados foi aplicado o questionário aberto enviado e recebido via WhatsApp para os 5 (cinco) professores que aceitaram contribuir com esta pesquisa. O texto tem como finalidade problematizar os desafios vivenciados por professores que são contratados a atuar nesta localidade, e lidar com inúmeros fatores que impedem esses profissionais em ofertar ao caboclo ribeirinho o acesso à educação de qualidade. A partir das análises foi possível concluir que além desta Comunidade ser considerada de difícil acesso, o poder público tão pouco presta assistência a esses povos, estes vivendo um total descaso, desprovidos de todos os direitos que a estes são constituídos.

Palavras-chave: Comunidade Vila Nova. Prática Pedagógica. Educação do Campo

INTRODUÇÃO

A pesquisa “olhares docente sobre a realidade da Escola de Várzea da comunidade Vila Nova por entre banzeiros e barrancos”, surge a partir de algumas inquietações apresentadas no âmbito acadêmico sobre o professor que atua em classes multisseriadas, além de ser oriunda desta Comunidade onde vivenciei minha infância e adolescência juntamente com minha família, e ter estudado por este método de ensino nas séries iniciais do ensino fundamental.

Sou do campo e cabocla ribeirinha, nasci e habitei até os quinze anos de idade na Comunidade Vila Nova junto com meus pais e minhas irmãs, guardo em minha memória, as tantas dificuldades que tínhamos que vencer dia após dia. Era uma criança mas reconhecia o esforço de meus pais que sempre diziam trabalhar muito para que pudéssemos cursar uma faculdade.

Hoje, enquanto acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, olho para trás e vejo que valeu a pena vencer lamas, espinhos,

distâncias e saciar minha sede com águas barrentas. Pois tenho uma visão aprofundada sobre o que é uma comunidade de várzea, e sobre o que profissionais da educação podem vivenciar em seu processo de atuação nesses espaços.

A comunidade Vila Nova está situada em uma área de várzea do Distrito do Mocambo localizada a 50 km da cidade de Parintins-AM. A escola nesta comunidade adota o ensino multisseriado por meio do qual os professores trabalham variadas séries em uma única sala, lidando com alunos de diferentes idades e níveis de aprendizagem. Tem-se na multissérie um dos meios para que as crianças e os jovens do campo tenham acesso à educação e permaneçam em sua comunidade de origem.

A pesquisa que resultou neste artigo procurou investigar a prática pedagógica e os desafios de educadores que atuaram em classes unidocentes na comunidade Vila Nova. Identificando as principais dificuldades vivenciadas durante o exercício da profissão na localidade, podendo descrever os procedimentos metodológicos utilizados e registrar experiências e memórias docentes sobre a prática pedagógica em classes multisseriadas na comunidade Vila Nova.

Foram entrevistados 05 educadores, Professor A, lecionou nesta localidade nos anos de 1992 a 1998 nesse período apenas graduada no normal superior, nos dias atuais formada em pedagogia. Professor B, atuou somente no ano de 2009, este graduado em licenciatura em química. Professor C, trabalhou no ano de 2005, tinha formação no normal superior, pedagogia, educação física. Professor D, docente no ano de 2020 e 2021, graduada em licenciatura plena em pedagogia. Professor E, lecionou no ano de 2000 a 2013 formada em normal superior e história.

Nessa perspectiva, realizamos análises sobre a realidade dos docentes que deixam família na cidade para lecionar nas escolas das comunidades que em sua maioria é formada por classes multisseriadas. Em muitos casos, professores que assumem esse meio de ensino, são profissionais recém-formados e desempregados, que visam o exercício profissional na comunidade rural como um meio prático para ingressar no mercado de trabalho na área da educação.

Em muitas comunidades ribeirinhas não há uma estrutura física adequada e condições de trabalho para o docente, como: “casa do professor, escola, água potável, luz elétrica, dentre outros”, dificultando ainda mais a permanência do profissional na localidade. Para isso, é importante ressaltar a parceria entre escola e comunitários durante todo o período letivo, até porque precisa existir essa relação entre ambos para que o profissional se sinta acolhido em uma comunidade que vive outras realidades.

Nesse contexto, é importante destacar os períodos sazonais de “enchentes, vazantes, cheias e secas”. Onde no período da subida dos rios os moradores precisam se deslocar para as “terras firmes” pelo fato de suas casas serem tomadas pelas grandes cheias dos rios.

Outro fator são as secas dos rios, por ser uma comunidade onde nem todos os moradores tem acesso a água encanada, há a necessidade de andar quilômetros para buscar água nos rios e lagos para o consumo em uma espécie de “balde”. Por esse motivo o calendário pedagógico proposto pela (SEMED) Secretaria Municipal de Educação, é diferenciado do que é aplicado na cidade.

A relevância acadêmica e social do estudo é possibilitar reflexões sobre a realidade da comunidade de várzea e os dilemas do processo ensino aprendizagem, apresentando dados sobre a prática pedagógica do educador, assim como os conhecimentos e experiências adquiridos no período em que atuaram em classes unidocentes na comunidade de Vila Nova.

1. EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS REFLEXÕES

Nos últimos anos a educação do campo vem ganhando grandes proporções no que tange a concretização desta como um direito ao caboclo ribeirinho nos diferentes lugares, mesmo se consolidando de maneira ainda fragmentada. São resultados relevantes de uma árdua luta traçada por movimentos sociais criados por educadores e lideranças, com intuito escutar as demandas dos povos do campo que por muito tempo foram esquecidos e que tiveram direitos negados por órgãos governamentais.

Os movimentos sociais carregam bandeiras de luta popular pela escola pública como direito social e humano e como dever do estado. Nas últimas décadas os movimentos sociais vêm pressionando o Estado e as diversas esferas administrativas a assumir sua responsabilidade no dever de garantir escolas, profissionais, recursos e políticas educacionais capazes de configurar a especificidade da Educação do Campo. No vazio e na ausência dos governos os próprios movimentos tentam ocupar esses espaços, mas cada vez mais cresce a consciência do direito e a luta pela Educação do Campo como política pública. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.14).

Vale destacar que a educação do campo prioriza o direito a educação de crianças, jovens e adultos que vivem no campo. Pois trata-se de uma política pública que possibilita ao discente do campo o acesso à educação na comunidade de origem,

fortalecendo sua identidade, sem deixar sua cultura e seus valores. Enquanto um processo em construção a Educação do Campo, junto aos movimentos e organizações sociais, tem conquistado espaço na agenda política de diferentes entes federados, ela “expressa uma nova concepção quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural, fortalecendo o caráter de classe nas lutas em torno da educação[...]. (SOUZA, 2008 p.1090)

A educação nas comunidades é de fundamental importância para o trabalhador rural, porém apresenta inúmeras contrariedades, dentre elas destaca-se a realidade do professor que muitas vezes trabalha com carga horária além do permitido, dificultando o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Para isso, é necessário que as secretarias de educação promovam formação e prestem assistência a esses profissionais.

Os estudos apontam para a importância de se investir na formação continuada dos professores “com a finalidade de buscar renovar seus princípios, suas técnicas pedagógicas, para que possam ter uma visão alargada da realidade do campo”. (SANTOS; SANTOS, 2017, p. 6). Esse processo deve pautar-se pela reflexão coletiva da prática e das experiências docente.

Historicamente, o meio rural sofre com as desigualdades sociais e os estereótipos que atingem as escolas e os estudantes do campo, os quais são vistos como atrasados quando comparados aos estudantes da cidade. Vale destacar, que é preciso desconstruir esses estereótipos, pois mesmo diante da realidade que vivem estudantes ribeirinhos é necessário a criação de estratégias inclusivas e de respeito aos valores culturais da comunidade. A LDBEN n.9394/96, em seu artigo 28, estabelece normas para a educação do campo.

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo das culturas e as condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 2012, p.25-26).

Nesse contexto, é fundamental o reconhecimento ao caboclo ribeirinho, no sentido de valorizar a concepção de que o meio rural é um lugar digno, que apresenta condições para que o homem possa viver e construir sua identidade tendo acesso às políticas públicas. O ribeirinho representa resistência na Amazônia, pois é capaz de lidar cada vez mais com todos os obstáculos que lhes são impostos pela sociedade.

A Educação do Campo tem articulação direta com a luta dos movimentos sociais do campo e concebe a educação básica no campo:

[...] voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais para que vivam com dignidade e para que resistam contra a exploração e a expropriação, ou seja, este do campo tem o sentido do pluralismo das ideias e das concepções pedagógicas: diz respeito à identidade dos grupos formadores da sociedade brasileira. (KOLLING; NERY; MOLINA; 1999, p.28-29)

Diante desse pensamento, sobre a educação do campo torna-se primordial priorizar reflexões de que não temos o poder e nem o direito de retirar o homem, a mulher, o jovem, o idoso e a criança do seu lugar, do seu convívio social, mas podemos fazer com que diante das leis que amparam a educação, assegurar que a educação de fato aconteça e possa abranger a todos os cidadãos seja da cidade seja do campo.

Nessa frente de luta uma das grandes preocupações no contexto amazônico tem sido a realidade das classes multisseriadas, em função da precária situação de infraestrutura das escolas e do processo de nucleação que provocou o fechamento de muitas escolas das áreas rurais. Observa-se que

[...] em muitos estados as escolas passaram por um processo de nucleação-política municipal e/ou estadual de fechamento de escolas e abertura ou fortalecimento de escolas localizadas numa área central, entre bairros ou vilas rurais. Dessa forma, muitos alunos passaram a percorrer uma distância maior entre a moradia e escola, tendo que ficar horas no transporte escolar. No que tange a prática pedagógica, a situação também é precária [...]. (SOUZA, 2008 p.1098)

1.1 CLASSE MULTISSERIADA NA COMUNIDADE DE VÁRZEA

As classes multisseriadas ou unidocentes estão presentes em boa parte das regiões brasileiras, assim como nas comunidades de várzea do Amazonas, cujo objetivo é ofertar ao estudante do campo o Ensino Fundamental. Baseado nessa realidade, se fomenta que o motivo para adotar esse método está voltado ao número reduzido de estudantes para formar uma turma regular, limitando os professores dessas localidades a trabalharem com a multissérie como única alternativa.

Muitos debates têm girado em torno da múltissérie, dentre eles a defesa do seu fim, em função das mazelas pelas quais é conhecida. Hage (2014) denuncia que há uma sobrecarga de trabalho dos professores que precisam desenvolver várias

atividades pedagógicas, de gestão, secretaria, limpeza, aliado a isso enfrentam outro fator que é a instabilidade no emprego e ter de lidar com estudantes da educação infantil e do Ensino Fundamental em uma mesma sala de aula (FERREIRA, 2019), prática que tem impeditivo legal (BRASIL, 2008).

Nesse processo, observamos que os estudantes do campo são expostos a um conjunto de situações que revelam, inclusive, descumprimentos da legislação vigente que prevê parâmetros de qualidade na oferta da Educação Básica no campo (HAGE, 2014).

Entretanto, é importante observar que essas escolas por serem responsáveis pela iniciação de escolar de grande parcela de estudantes do campo incide diretamente na redução dos índices de analfabetismo, logo as “escolas de classes multisseriadas assumem uma importância social e política significativa nas áreas em que se situam, justificando, portanto, a realização de estudos sobre a forma como se configuram.” (MOURA; SANTOS, 2012, p.71).

A realidade da área de várzea faz parte da vida de milhares de pessoas que se constituem como o ser caboclo ribeirinho de várzea amazônica, e vive nas práticas cotidianas as mudanças de períodos sazonais causados pelas enchentes e vazantes dos rios.

Há caboclos ribeirinhos que seguem a rotina de vida marcada pelas enchentes seja para permanecer na comunidade, seja para migrar para as terras firmes, e na descida dos rios voltar para a localidade de origem para continuar com a dinâmica da territorialidade da várzea, recomeçar o plantio, cuidar do rebanho e trabalhar para o próprio sustento e de sua família.

No contexto da educação é fundamental compreender essa dinâmica, seus significados e sentidos e os saberes produzidos a partir dos territórios e territorialidades.

No Amazonas, a realidade de vida de milhares de famílias se movimenta na dinâmica dos rios, como as dos ribeirinhos, profundos conhecedores das águas e florestas de várzea. As várzeas 'são terrenos inundáveis. Estes terrenos recebem certa quantidade de sedimentos, renovando a fertilidade do solo, o qual permite produzir alimentos tanto para o consumo como para a comercialização' (VASCONCELOS; ALBARADO, 2020 p.16)

Pensar a educação do ribeirinho da várzea nos remete acima de tudo a valorização e ao reconhecimento dos saberes locais e culturais, contribuindo com o processo de inclusão e visibilidade desses povos que esbanjam de uma forma sem

igual o viver ribeirinho em sua diversidade cultural e ambiental, em conexão com todos os benefícios que a natureza da várzea proporciona. É pensar um educar a partir do cuidar das riquezas culturais e indenitárias, possibilitando a “troca de conhecimentos, é entender que o acontecer humano é feito de avanços e limites, por fim, é dialogar e respeitar o outro no sentido das diferenças [...] é pensar um currículo e práticas pedagógicas inclusivas.” (VASCONCELOS, 2016, p.128).

As classes multisseriadas desenvolvem um trabalho diferenciado do contexto seriado e são compreendidas como uma possibilidade de desenvolver um processo educativo diferenciado. Na multissérie o professor leciona a partir da diversidade de turmas, séries, idade e níveis de aprendizagem, nela os alunos de diferentes faixas etárias e experiências podem participar e criar formas coletivas de apropriação de conhecimento.

A realidade tem demonstrado que em muitas comunidades ribeirinhas há escolas sem infraestrutura e há casos em que as aulas são ministradas em espaços improvisados e inapropriados para comportar alunos, há ausência de materiais didáticos, e a falta de professores qualificados. Essas realidades apresentam aspectos dominantes e comum no espaço rural ribeirinho, que impedem o progresso da aprendizagem com qualidade.

Portanto, trabalhar em classes com multisséries exige compromisso do sistema público de ensino e dos professores, requer adaptações em relação a metodologia utilizada para que o desenvolvimento das atividades possa atender as necessidades apresentadas pelos que dela necessitam, pois até os dias atuais o trabalho unidocente ainda não oferece uma forma adequada para que possamos configurar como um método apropriado a ser seguido por profissionais na sua prática pedagógica.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse estudo buscou-se abordagem qualitativa que a partir da concepção de Minayo (2007, p.21) responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou que não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Essa pesquisa foi desenvolvida no mês de abril de 2021 e teve como *lócus* de estudo a comunidade de várzea Vila Nova, pertencente ao município de Parintins-AM, visando compreender o olhar do professor sobre a prática pedagógica e a realidade da escola durante o processo de atuação na comunidade. Configura-se como um estudo de caso sobre as realidades vivenciadas e os desafios experimentados pelo professor para exercer sua profissão nessa localidade, tendo como base o ensino multisseriado. Compreende-se o estudo de caso como um estudo empírico.

Que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidências. O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisa com diferentes propósitos. (GIL, 2008, p.58)

Nessa totalidade, podendo explorar, descrever e explicar de forma detalhada determinadas situações presentes na vida real, possibilitando fazer um levantamento mais aprofundado acerca do trabalho em questão.

A pesquisa contou com a aplicação do questionário aberto. Para (Gil, 2008) nas questões abertas solicita-se aos respondentes que ofereçam suas próprias respostas, oferecendo espaço para escrever. Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta.

Em função da pandemia, não foi possível ter contato pessoal com os sujeitos da pesquisa. O questionário foi encaminhado para os professores de forma digitalizado via WhatsApp contendo nove perguntas. Os professores selecionados confirmaram contribuir com este trabalho, com retorno pelo mesmo meio de comunicação.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesse, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (Gil, 2008 p.121)

Os sujeitos que participaram dessa pesquisa foi um total de 05 professores, 04 deles já atuaram na escola de várzea da comunidade de Vila Nova, porém no

presente período estão lecionando em outras localidades. Eles são identificados no texto por professor A, professor B, professor C, professor D e professor E. O professor E, deixou a profissão de professor para ingressar na Polícia Militar. Apenas o professor D está trabalhando na escola, que ao concluir a formação em licenciatura em Pedagogia, ofertaram-lhe uma vaga para assumir o cargo de professora na referida comunidade.

O percurso metodológico envolveu estudo bibliográfico, pesquisa de campo, contato com os professores selecionados segundo o critério de terem atuado na comunidade, envio e recebimento do questionário aberto via WhatsApp e análise e discussão dos dados. No processo de análise e discussão temos como base o material coletado em articulação com o referencial teórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 RECEPTIBILIDADE AO PROFESSOR NA COMUNIDADE VILA NOVA

A comunidade de várzea Vila Nova está situada a 50 km do Município de Parintins-AM, pertencente ao distrito do Mocambo. Atualmente comporta um número de 25 habitantes que corresponde a 09 famílias. Enfrenta dificuldades quanto ao acesso, não conta com água encanada, luz elétrica e dentre outras realidades. Vale destacar que:

Atualmente é denominada pelos moradores e pelas populações próximas com este nome, mas é reconhecida pela Secretaria de Terras e Arrecadação de Parintins como Ilha dos Marinhos, apesar de tal nome não ser utilizado pelos comunitários. Ilha dos Marinhos referia-se à família extensa de Ernesto Marinho, que juntamente com os filhos moravam na localidade, sendo uma extensão pertencente à comunidade Ilha das Onças. (FONSECA, 2018, p. 25)

Esta é uma comunidade acolhedora, que mesmo diante de todas as contrariedades os comunitários buscam ser gentis com todos que a visitam ou que são enviados para residir na localidade com a finalidade de trabalhar, como no caso dos professores, profissionais estes que têm a missão de levar a educação ao caboclo ribeirinho.

Figura 01 e 02 – Comunidade de Vila Nova



Fonte: Arquivo pessoal dos Moradores de Vila Nova.

A partir das análises dos dados obtidos por meio do questionário, foi possível perceber que os comunitários se mostravam preocupados com os professores no sentido de fazer com que os mesmos se sintam acolhidos, em um lugar calmo e tranquilo, longe do barulho e da correria da cidade, onde ao anoitecer se ouve apenas os cantos dos sapos e vislumbrava-se as luzes dos vagalumes.

Considerando a importância do acolhimento perguntou-se aos docentes entrevistados: Como foi o acolhimento por parte dos comunitários no período em que atuou na localidade?

“[...] atenção, recepção, abrigo, agasalho, um ato muito importante na minha vida naquele momento. [...]” (Professor-A).

“Fui acolhido da melhor forma possível, até hoje tenho amigos daquela época em que estive na comunidade de Vila Nova, isso ajudou bastante para eu me adaptar ao local.” (Professor-B)

“Fui muito bem recebida, a comunidade apresentava uma característica acolhedora e preocupada com os docentes que chegavam lá. [...] no período em que trabalhei na localidade me senti apoiada pelos comunitários. (Professor-C). ”

“O acolhimento foi excepcional, apesar de ser de lá [...] mostraram ser mais respeitosos possíveis [...]” (Professor-D).

“Os comunitários me receberam muito bem [...]” (Professor-E).

A partir dos dados obtidos, a comunidade de Vila Nova é lembrada por esses educadores como um lugar digno. Comunitários se mostravam sempre preocupados em fazer com que os professores fossem muito bem acolhidos, dando-lhes atenção e apoio, dispostos a ajudar na hospitalidade dos mesmos.

A boa receptibilidade são gestos com valor significativo para muitos educadores, motivando no fortalecimento do vínculo afetivo que o educador deve ter

com os comunitários, contribuindo de forma positiva para a permanência do docente na comunidade. Esse ato, faz com que professores depois que deixam essas localidades, guardem na memória o carinho e o aconchego transmitido pela comunidade.

3.2 DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DOCENTE

Início esse tópico com um pequeno poema de minha autoria, criado a partir de respostas dos professores entrevistados, inclusive uma delas é oriunda desta localidade, os demais não conheciam a comunidade e sua realidade. O que motivou o (a) senhor (a) a se deslocar para a comunidade de Vila Nova e ministrar aulas em classes multisseriadas?

*Percorrendo por esse
beiradão sussurraram em
meu ouvido, ofertaram-me
uma vaga para exercer a
docência. Eu sem um pingo
de dúvida, aceitei sem pensar,
desperdiçar essa
oportunidade, outra não irei
encontrar. Para uns foi
realização de sonho, exercer
a profissão, para outros
carência de dinheiro e falta de
opção.*

Os fatores acima citados se constituem como elementos utilizados por educadores como motivo para lecionar na comunidade. Como em sua maioria as escolas do campo, estritamente as classes com multissérie, se destacam por contratar profissionais recém-formados para atuar, com a intenção de ganhar experiências e posteriormente ingressar nas escolas da cidade.

É fato que existe uma lacuna no processo de formação de professores. Muitos acadêmicos ao concluírem cursos de licenciatura, mais especificamente do Município de Parintins, tem sua primeira atuação profissional em escolas do campo, de organização pedagógica multisseriada, nesse caso, os desafios se tornam ainda maiores por conta da inexperiência e da falta de conhecimento sobre os funcionamentos e os fundamentos dessas classes. (VASCONCELOS, 2016, p.41)

A falta de emprego na cidade de Parintins estimula muitos profissionais a encararem a experiência de trabalharem em comunidades localizadas distantes da cidade. Em alguns casos há pouca assistência, o que contribuem para que esses profissionais deixem muito a desejar, inclusive quando se deslocam da comunidade para receber seu salário no final do mês, deixam os estudantes sem aulas e sem data para o retorno das atividades.

Os desafios impostos à educação no meio rural são muitos, por mais que haja leis para ampará-la, em muitas localidades ainda acontece o descaso por parte do poder público impedindo o caboclo ribeirinho a usufruir da educação de qualidade. Para nosso conhecimento perguntou aos entrevistados. No ano em que atuou na escola havia preocupação dos responsáveis dos alunos em saber se os mesmos tinham êxito na aprendizagem por meio dessa organização pedagógica?

“[...] O trabalho foi realizado com sucesso de maneira confiante, cooperativa envolvendo a participação dos pais, responsáveis e a comunidade em geral, buscando informações da vida de seu filho no cotidiano escolar [...]” (Professor-A)

“Tinha uma preocupação, mas não era 100% dos pais, alguns queriam saber como estava a aprendizagem de seus filhos. ” (Professor-B)

“[...] nessa comunidade todas as vezes que a escola chamava os pais estavam presentes, mesmo que muitos pais não tivessem estudos de níveis mais alto, mas eles sabiam quando os seus filhos estavam aprendendo. ” (Professor-C)

“Os pais foram de suma importância na participação junto com seus filhos, dessa forma eles estavam sempre presentes, procurando se informar [...]” (Professor-D)

“[...] os pais eram participantes até demais, com isso foi possível desenvolver um bom trabalho, onde os alunos foram incentivados a estudar [...]” (Professor-E)

A Comunidade de Vila Nova, apresenta relevância na participação da família na escola, quatro dos entrevistados concordaram que durante o processo de atuação houve presença e preocupação dos pais dos alunos. Somente o professor-B relatou que não havia atenção de todos os responsáveis. Vale destacar, a participação da família na escola é de suma importância para motivar a criança a aprender. Esse é o elo que contribui de forma significativa para o sucesso do estudante.

Na dinâmica pedagógica que se efetiva nas escolas multisseriadas, a participação da família/da comunidade tem se mostrado limitada, [...] em primeiro lugar, evidencia-se o fato de que os (as) professores (as)

acusam os pais de não colaborarem na escolarização dos filhos, afirmando ser este um grande problema, que interfere na aprendizagem. Em segundo lugar, pais e mães afirmam que trabalham e não tem tempo para ajudar os filhos [...]. Em terceiro, muitos pais e mães não se sentem preparados para ajudar seus filhos nos trabalhos solicitados pela escola e isso se dá pelo baixo nível de escolaridade que possuem, ainda que não deixem de reconhecer a importância e a necessidade de sua participação mais efetiva na escola. (CAETANO, p.69)

Entretanto, salienta-se que nem todas as comunidades ribeirinhas tem características iguais a de Vila Nova na participação positiva da família na escola. O desinteresse dos pais em procurar saber da vida escolar da criança, deixa uma lacuna em todo o processo formativo da discente, ainda mais para o aluno da várzea, que na maioria das vezes não recebe um bom acompanhamento do professor, por este não conseguir lidar com a complexidade e com a sobrecarga de atividades que escolas unidocentes apresentam.

Estudantes e professores da várzea lidam com uma complexa realidade dentre eles destaca-se os deslocamentos. Sobre isso, pedimos que os professores descrevessem seu ponto de vista em relação aos alunos que moravam distante da escola, as respostas indicam:

“[...] A educação do interior precisa de muita atenção, apoio e atendimentos aos comunitários e aos educandos que moram distante da escola [...]” (Professor-A)

“Acredito que os alunos ficavam um pouco cansados devido terem que acordar mais cedo [...] no meio da aula já apresentavam um certo sono, dificultando o aprendizado [...]” (Professor-B)

“[...] as pessoas da comunidade vivem conforme os mistérios e soberania da natureza [...] nesse caso, a escola precisa entender essa lógica a tentar contemplar, sobretudo os alunos distantes da escola.” (Professor-C)

“[...] ainda que distantes alguns alunos, estes não mediam esforços de querer aprender[...]” (Professor-D)

“Esses eram os primeiros os primeiros a chegar[...]” (Professor-E)

A distância é fator vivenciado diariamente por alunos que residem afastados da escola tornando-se desafiador e perigoso, principalmente no período da seca dos rios, em que estes estão sujeitos a vencer lamas quando chove, e animais bravos (no caso de gado, búfalo e cachorro) que perambulam no decorrer do caminho.

Os estudantes também correm riscos de serem picado por cobras, devido ter uma espécie de mato *Artemísia* conhecida pelo homem da várzea de “artimija” que

invadem os terrenos e ao redor das estradas ou caminhos, presente no trajeto que os alunos devem percorrer todos os dias para chegar até a escola, sem contar com a temperatura escaldante do forte sol amazônico.

Observamos que os professores reconhecem os esforços das crianças para frequentarem as aulas, mas também reconhecem a necessidade de maior atenção e apoio para os estudantes e comunitários que moram longe do educandário, uma vez que pela necessidade de percorrer longas distâncias a criança mostra-se cansada durante as aulas, e isso interfere na aprendizagem como destaca o professor-B. Nestes breves versos autorais demonstramos os sentidos desses desafios.

A educação na várzea, é ainda educação fragmentada. Por ser multisseriada é considerada uma educação atrasada. Carrega esse estigma, não é respeitada. Mas eu digo o seguinte e não vou me arrepender, se ela não existisse, grande parte do povo da várzea, não saberia ler e escrever. O povo do campo, não quer nada perder, participa da educação do filho, com a finalidade de motivar a criança a aprender e no futuro vencer. Os estudantes são gente forte, encorajados! São do Norte! Enfrentam estrada, banzeiro e lama, todos os dias vão para a escola. Os caminhos são estreitos, mas querem garantir os seus direitos.

3.3 PERÍODOS SAZONAIS E AS LEMBRANÇAS PRESENTE NA VIDA DO EDUCADOR

Anualmente, Vila Nova se depara com o ciclo das águas: enchente/cheia, vazante/seca. Fator esse, muito comum na região amazônica, as famílias que residem nessa localidade se adequam as constantes mudanças da força da natureza. Os povos das águas são criativos para resistir as temidas “cheias”, em prol sua permanência na várzea, constroem as marombas que é um assoalho por cima do outro, com intuito de não se deslocar para as terras firmes.

Os moradores que ficam no período da cheia, conforme as inundações, vão utilizando estratégias para vivenciarem as adversidades e dificuldades com a construção de marombas e pontes, haja vista que são de 2 a 3 meses sobre as águas. Diante disso acabam construindo novas moradias como o assoalho elevado para suprir a demanda das águas. (FONSECA, 2018, p. 29)

Dessa forma, soma um total de 09 famílias residindo nesta localidade durante o período da seca. Porém com a subida das águas apenas 05 famílias permanecem na localidade, as demais migram com suas criações para as terras firmes como Caburi e Lago da Esperança, outros retiram-se da comunidade com destino a cidade de Parintins. Essas famílias acostumam-se a esse dilema de enfrentar as águas barrentas do Rio Amazonas, ou se ausentar durante esse período.

Figura 03 e 04 Comunidade de Várzea Vila Nova no período da cheia



Fonte: Arquivo pessoal dos Moradores de Vila Nova

Esses são povos “atrevidos” e destemidos, que acompanham todo fenômeno desta natureza em suas casas com assoalho elevado, para que tão pouco a água o alcance. Utilizam-se a madeira como forma precisa e eficaz, é com ela que o ribeirinho constrói pontes e marombas para comportar suas criações de galinhas, porcos e cachorros como observamos na imagem 05.

Figura 05– Abrigo dos animais



Fonte: Arquivo pessoal dos Moradores de Vila Nova.

Perguntou-se aos entrevistados: Sendo uma comunidade de várzea que perpassa por períodos sazonais de “enchentes, vazantes, cheias e secas”, quais os maiores desafios enfrentados?

“Desafio maior foi na época da seca, na hora de buscar água potável, tinha que ir alguns quilômetros andando com um balde e retornar com água, também quando deslocava até Parintins, andávamos aproximadamente meia hora até chegar a margem do rio, onde estava o transporte fluvial. Na volta da cidade fazíamos o mesmo trajeto, com rancho e mercadoria sendo carregada.” (Professor-B)

“[...] o acesso à localidade, sobretudo no período da vazante, pois eu lembro, tínhamos que andar muito por uma terra que era mole, ou seja, andávamos no meio de muita lama, foi impossível não sair com os olhos cheios de lágrimas, nesse período a água para consumo ficava escassa devido à distância. Essas questões, era um ato de resistência dos comunitários à soberania da natureza e como docente eu buscava aprender a conviver com esses fenômenos.” (Professor-C)

Pergunta feita a cinco professores, no entanto essas duas respostas do professor B-C, chamam atenção. Onde os mesmos não relatam as cheias como um problema crítico, e sim deixam suas observações com relação a seca dos rios descrevendo sendo o fenômeno que mais assola a comunidade de Vila Nova. Haja vista, que é uma realidade que compromete toda a estrutura para a permanência do professor nesta localidade.

Esta realidade é guardada na memória do educador, e serve como embasamento para a vida pessoal e profissional. Esta comunidade vive até os dias atuais esse dilema, o período da seca dos rios é visto até mesmo pelos moradores como um fenômeno desafiador, que leva muitas famílias a deixarem a Comunidade em busca de melhorias, por isso, comporta um número reduzido de moradores.

As grandes secas que assolam a comunidade de Vila Nova é outro fator preocupante, devido não haver água encanada para os moradores que são desprovidos do saneamento básico e as políticas que ali chegam são precárias, fragmentadas, podendo ser realmente citadas apenas como práticas eleitoreiras.

Os moradores que residem no quadro da comunidade, neste caso 03 famílias, foram contemplados com água de um poço artesiano, mas que serve apenas para o uso doméstico, a água não é propícia para o consumo. Esta é bombeada pelo gerador de energia, porém nem sempre os moradores conseguem diesel para o funcionamento do mesmo, ou como na grande maioria este gerador apresenta defeitos, passando meses sem o funcionamento.

Figura 06 e 07 margens do Rio Amazonas



Fonte: Arquivo pessoal dos Moradores de Vila Nova.

Os moradores andam quilômetros até chegar às margens de lagos, poços, rios, igarapés que existem nas redondezas em busca de água para o consumo, e de peixes para a alimentação. No entanto, de acordo com os períodos sazonais existem tempos que esses furos acima citados também acabam sendo fechados pelas alastradas secas. Desse modo, os valentes caboclos são obrigados pela natureza a se deslocarem até o Rio Amazonas, onde andam horas com seus carotes de água até suas casas.

Outro fator é o deslocamento para a cidade de Parintins ou para outras localidades, por haver um longo caminho a percorrer, tendo que enfrentar uma área de lama escorregadio e espinhos, sem contar que o caminho também é trajeto de gados, onde suas pegadas fazem uma espécie do “torrão amolado” sendo desafiador para chegar a margem do rio e alcançar as embarcações. Perguntou-se: Mesmo diante desses desafios quais as memórias que você tem a partir de sua experiência na referida comunidade?

“Apesar ser difícil o acesso para sair e buscar água, mas devido o acordo de pesca a comida era farta, porque tinha o controle a manutenção dos lagos, eu sempre observei isso como um ponto positivo[...].” (Professor-C)

Fora os desafios que a comunidade apresenta os cinco professores relembram a fartura em relação aos pescados. O professor-C, relata como ponto positivo, haja vista, que Vila Nova até o ano de 2014 trabalhava com o manejo de quelônios e preservação dos pescados e lagos.

Este trabalho contava com a participação dos comunitários em parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), e com o Projeto-Pé-de-pincha. Por esse motivo a comunidade é conhecida pela farta abundância de pescados, aves e quelônios.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DESAFIO PARA O DOCENTE

O professor do campo tem um longo caminho a percorrer em seu processo de atuação nas escolas, entre os fortes banzeiros e os barrancos que enfrenta, tem objetivos e metas a serem alcançadas. O educador não está sozinho, ao seu redor estão os estudantes que carecem de atenção e responsabilidade no processo de aprendizagem, estão os comunitários.

Estes são donos de olhares atentos e brilhantes, cheio de sonhos como estrelas no céu, que motivam o docente a ser estrategistas e a dedicar-se acima de tudo para contribuir significativamente com a vida escolar desses sujeitos mostrando que por meio da educação podem conquistar novos horizontes.

É desafiador se adaptar a essa realidade, ainda mais, para o educador que atua em localidades como Vila Nova que adota o método multisseriado. A Secretaria Municipal de Educação (SEMED), envia a esses profissionais a proposta curricular, com intuito de buscar desenvolver um trabalho interdisciplinar, onde os professores possam construir um plano de aula visando atender todos os alunos com idades e níveis de conhecimento diferenciados. Como organizar o ensino em classe multisseriada e quais os procedimentos metodológicos utilizados?

“[...] embasada na proposta curricular e inserida no plano de aula e no plano de ação da escola. O desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem multisseriado de acordo com a realidade dos alunos, através contextos variados das atividades, músicas, histórias, pesquisas e dramatizações.” (Professor-A)

“Tem que se fazer um plano de aula, onde possa organizar o tempo para que todos estejam fazendo alguma atividade. Utilizando os livros didáticos e as vezes utilizando o espaço da comunidade.” (Professor-B)

“Planejar, aplicar as atividades diferenciada entre as series e avaliar para verificar o rendimento da aprendizagem dos discentes.” (Professor-C)

Os professores relatam a forma que organizavam o ensino, construíam planos de aula com objetivo de abranger todas as séries e necessidades dos alunos, mas entende que deixa uma grande sobrecarga ao professor pelo fato de a multissérie demandar uma complexa inventividade, deixando em muitos casos o plano só no papel e pouco desenvolvido na prática.

No contexto da vida do campo, a prática pedagógica do educador deve identificar metodologias adequadas para o trabalho com os educandos, refletindo as condições e o nível de aprendizagem de cada um, em conformidade aos desafios da cotidianidade que refletem sobre o desempenho escolar. (VASCONCELOS, 2016, p.137-138)

Os professores são orientados a trabalhar a interdisciplinaridade na escola de Vila Nova, guiado por livros didáticos, e segundo relatos também trabalhavam em cima da realidade dos alunos usando os espaços externos da escola. Vale ressaltar, que incluir os valores culturais, identitários e ambientais da comunidade na proposta curricular, assim como incluir histórias e elementos da natureza é primordial para estabelecer a aprendizagem dos estudantes ribeirinhos.

“[...] se olharmos bem, a própria organização de ensino da escola é fragmentada, falamos em interdisciplinaridade, mas cada um planeja no seu quadrado. Desse modo, por mais que eu me esforçasse para contemplar a aprendizagem para todos os estudantes seria impossível, porque a sala multisseriada é um desafio que necessita de muito estudos e experiências[...]” (Professor-D)

O Professor-D, problematiza o discurso da interdisciplinaridade na sala multidisciplinar, uma vez que o ensino é fragmentado, ou seja, a própria estrutura ensino que deveria ser heterogênea em função da multissérie reproduz a fragmentação da série, logo adverte que é necessário estudos e experiências sobre essa forma de organização pedagógica. Advertência que também é feita nos estudos de Hage (2005).

Para que aconteça a organização no ensino aprendizagem nessas escolas, professores e alunos precisam sentar em uma única embarcação, e remar contra as correntezas dos rios, enfrentando os barrancos que a multissérie apresenta e resistindo com os pés no espinho aos descasos pelos representantes superiores que conduzem a educação do campo. Aliado a isso é pensar um currículo e práticas pedagógicas inclusivas.

O currículo, enquanto campo de luta em torno da significação e da identidade, é capaz de movimentar a realidade com a qual se trabalha,

seja ela urbana, rural, ribeirinha, indígena; pressuposto importante para entender a necessidade de se desenvolver posturas pedagógicas eticamente comprometidas com espaços escolares diferenciados. (VASCONCELOS, 2010, p.61)

Uma formação continuada voltada especificamente a professores de classes multisseriadas não diríamos que seria a solução, mais contribuiria com o processo de reflexão e construção de referenciais coletivos sobre a organização desse ensino.

Também perguntamos: Quais são os principais desafios enfrentados pelo docente que leciona em classes multisseriadas?

“[...] coragem e ser competente para criar, para inovar [...]” (Professor-A)

“Na minha opinião, é saber administrar o tempo para cada série, para que não fiquem sem ter nada a fazer.” (Professor-B)

“[...] O principal desafio é proporcionar uma prática que atenda todas as séries numa mesma série e ao mesmo tempo.” (Professor-c)

“[...] falta de apoio oriundas dos nossos representantes como a falta de matérias escolares, principalmente os didáticos [...]” (Professor-D)

“Fazer o aluno aprender a ler e escrever, ter boa convivência com os demais colegas dentro e fora do ambiente escolar.” (Professor-E)

Os desafios apresentados sejam no processo de leitura e escrita, sejam na organização do tempo espaço de aprendizagem e sejam no campo da inovação requerem um conjunto de ações, inclusive junto ao sistema de ensino para serem enfrentados. É importante que os professores têm leitura da realidade e limitações que se apresentam no cotidiano da escola, e que não podem resolver sozinhos um problema que é histórico e coletivo, que depende de formação e apoio do sistema de educação.

O professor- B destaca como maior dificuldade a administração do tempo na aplicação das atividades para que os discentes permaneçam ocupados. Essa tem sido uma preocupação constante, porque os discentes mais avançados tendem a concluir as atividades para rápido e requerem mais. Dentre as saídas apresentadas para essa dificuldade tem sido adotar o processo de mediação e trabalho colaborativo, por meio de projetos educativos que envolvam estudantes mais velhos como mediadores junto aos mais novos (FERREIRA, 2019).

Aliado a essas reflexões é importante entender a ação pedagógica e suas contribuições com a produção do conhecimento, assim como no processo de formação do sujeito crítico e inovador.

Preocupando-se com a localização histórica de sua produção. Precisa estimular a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações e argumentos. Acrescida da valorização da ação reflexiva e a disciplina tomada como capacidade de estudar, refletir e sistematizar o conhecimento instiga o aluno a reconhecer a realidade e refletir sobre ela. (CUNHA apud BEHRENS, 2005, p.55)

Esta prática pedagógica contribui com a construção da autonomia do professor, para pensar a forma mais viável que serão desenvolvidas as atividades em sala de aula. Firmar compromisso com os estudantes do campo é o primeiro fator que se pode fazer, independente se haja carência de materiais didáticos, ou se as crianças estão tendo dificuldade em aprender. O educador criativo transforma o cotidiano escolar e torna possível a realização de mudanças significativas voltada a aprendizagem. Além do mais, contribui efetivamente na política local da educação.

3.5 ASSISTÊNCIA AO ALUNO RIBEIRINHO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEMED)

Vila Nova comportava no ano de 2020 um total de 08 alunos entre 1ª, 5ª, 7ª, 8ª ano do ensino fundamental, apenas um aluno da educação infantil, porém 03 desses discentes concluíram o ensino fundamental neste ano e migraram para outras localidades com a finalidade de cursar o ensino médio. Entende que no ano de 2021 somente 05 alunos permanecerá na comunidade, um número bastante reduzido.

A estrutura física da escola da Comunidade de Vila Nova é muito precária devido ser de madeira e inundada anualmente em decorrência das cheias dos rios, apresenta perfurações nas tábuas, respinga com as chuvas e pela manhã e tarde alunos e professores resistem as fortes quenturas. A mesma é composta por duas salas de aula pequenas e um pátio, não disponibiliza outros espaços além desses citados. Os alunos dividem esse espaço com todos os materiais pedagógicos que a escola possui, conforme podemos perceber nas imagens abaixo.

Figura 08 e 09 – Área interna da escola



Fonte: Arquivo pessoal dos Moradores de Vila Nova

Para o desenvolvimento das aulas são ofertadas apenas 2 vagas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para professores. Porém no ano de 2020 atuou somente um professor, outra vaga foi ocupada, mas devido a comunidade ser conhecida pelos desafios apresentados e além de ser um ano pandêmico houve a desistência do mesmo. Dados obtidos pelo professor-D, docente desde local.

Assim, perguntou aos educadores que já atuaram na comunidade de Vila Nova: A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) prestou algum tipo de assistência para que o ensino pudesse alcançar o objetivo esperado no processo de aprendizagem das crianças? Se sim, diga qual?

“Sim. Encontros de socialização e formação continuada oferecida pela equipe Técnica Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) [...]” (Professor-A)

“Não prestou, deveriam estar mais presentes nas comunidades para observar de perto, as dificuldades de cada localidade[...].” (Professor-B)

“Sim, a (SEMED) sempre buscou promover, orientações acompanhamentos pedagógicos, formações em exercício, para atingir o objetivo esperado no processo de aprendizagem dos estudantes [...]” (Professor-C)

“Ainda que não tenha sido total, mas deu uma assistência a altura do que se pretendia para com o ensino. Esse ano um dos grandes objetivos da (SEMED), foi dar assistência aos alunos com profissionais que fizessem o possível para haver o ensino, através de ligações, mensagem, apostilas e atividades nos livros.” (Professor-D)

“Sim, além dos materiais pedagógicas tinham os de limpezas, alimentação dos alunos (merenda escolar), e contribuição da cota do diesel para contribuir com o funcionamento do poço artesiano na questão da água.” (Professor-E)

Quatro dos entrevistados descrevem a participação ativa da SEMED, em prestar assistência aos alunos e educadores. Os Professores- A, C, e D, ressaltam que esta instituição promovia encontros de socialização e formação continuada oferecida pela equipe técnica pedagógica. Havia também assistência e orientações em atividades que seriam aplicadas aos estudantes, e envio de materiais pedagógico que serviam de apoio a esses educadores.

Essa assistência que a Secretaria proporcionava tinha valor significativo, com o intuito de ajudar professores a criar estratégias com as matérias que tinham em mão para que a educação ribeirinha pudesse apresentar melhorias no desenvolvimento das atividades em ambientes escolares unidocentes.

A maioria dos educadores entrevistados descrevem entusiasmados a participação da SEMED na comunidade Vila Nova. Apenas o professor-B, registrou que a secretaria não prestou apoio a escola da Comunidade de Vila Nova, sendo relevante a presença da SEMED, com objetivo de conhecer a realidade dos discentes. Podemos salientar que muito ainda precisa ser feito em favor dos povos das águas. Se fala perfeitamente em políticas públicas do direito à saúde, educação, saneamento básico, mas pouco praticado, principalmente em comunidades distantes da dos centros urbanos.

A articulação efetiva do sistema de educação com as organizações e movimentos sociais poderão contribuir com a quebra do velho paradigma de que as escolas de várzea são atrasadas, porque falar de educação do campo e de educação ribeirinha não é mudança de nomenclatura, é direito que necessita ser efetivado com as condições adequadas de estrutura, financiamento, gestão e participação democrática.

Em verdade, a compreensão desse novo conceito reflete muito mais do que uma simples mudança de nomenclatura, lançada um olhar politicamente mais centrado na busca de direitos sociais e na superação da educação rural moldada nos parâmetros urbanos e mercadológicos. Historicamente, o conceito de educação escolar no meio rural esteve vinculado a uma educação descontextualizada, elitista e oferecida para uma parcela mínima da população brasileira. Porém, na atual conjuntura, a Educação do Campo, via movimentos sociais, busca a implantação de projetos democráticos centrados no fortalecimento da educação popular e na melhoria da qualidade de vida das populações do campo. (VASCONCELOS, 2016, p.19)

Diante dessa luta por melhorias na qualidade de vida no campo, observamos que os olhares docentes sobre a realidade da escola de várzea são olhares

preocupados com as condições de vida dos estudantes e da comunidade, com os deslocamentos, com a falta de infraestrutura e apontam para a necessidade de estudos e experiências sobre a prática pedagógica e maior apoio institucional para a realização do processo ensino-aprendizagem nas classes multisseriadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa voltada as experiências da docência na Comunidade Vila Nova foi possível investigar a prática pedagógica e os desafios de professores que atuaram em classes multisseriadas nesta localidade, podendo identificar as principais dificuldades vivenciadas por docentes e comunitários frente a realidade que a comunidade de várzea apresenta.

Diante disso, possibilitou compreender a importância do ensino multisseriado para estudantes ribeirinhos, mesmo este método encontrando-se fragmentado em vários quesitos, contribui significativamente para a permanência das famílias na comunidade e oferecendo o direito aos povos das águas o acesso à educação.

No entanto, é desafiador para o docente encarar este fato de precarização para o desenvolvimento do ensino, se houvesse mais assistência voltada ao caboclo ribeirinho muitas comunidades com essas configurações apresentariam um bom número de famílias residindo nessas localidades e estariam nos dias de hoje com o funcionamento do ensino fundamental regular e ensino médio.

Mas devido a inúmeros fatores um grupo pequeno de ribeirinhos ainda resistir a permanecer na comunidade de Vila Nova, mas quando concluírem o ensino fundamental terão que procurar o ensino em outras localidades, ou ficar nesta comunidade sem estudar, somente ajudando os pais nos trabalhos desenvolvidos.

Os pais da comunidade não deixam os filhos sem estudar, porque têm uma mentalidade riquíssima em lutar para oferecer a educação para seus filhos, trabalham incansavelmente na agricultura, pecuária e pesca para manter esses alunos na cidade para cursar o ensino médio, e quando são aprovados em vestibulares cursam a tão sonhada faculdade.

A comunidade de Vila Nova é destaque por ter vários alunos oriundos cursando faculdades na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e Universidade

do Estado do Amazonas (UEA), guerreiros estudantes, buscando sempre novos desafios para um futuro melhor.

Percebe que o fracasso dessa comunidade e de tantas outras da várzea se dá devido à ausência do poder público, no que diz respeito a educação, assistência social a essas famílias, saúde, saneamento básico e tantos outros direitos legais que esses povos são desprovidos.

Portanto o homem da várzea clama para que os representantes assumam o compromisso em contribuir para dar a esses sujeitos uma educação de qualidade, que possa enviar profissionais capacitados em desenvolver o ensino aprendizagem. Que a SEMED possa estar mais presente, dando apoio para os estudantes e a todo o corpo docente da escola.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDARD, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Org.). **Por uma educação campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, alfabetização, diversidade e inclusão – SECADI. **Educação do Campo**: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, alfabetização, diversidade e inclusão. Brasília: SECADI. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB, nº 2 de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 abr. 2008. Seção 1, p. 25.

CAETANO, Viviane Nunes da Silva. **Educação do campo do Pará e a realidade das classes multisseriadas/ multianos no Marajó**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN:2359-0831-online), Belém, v. 04, n.01, p.49-73, jan/jun. 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FERREIRA, Jarliane da Silva. O Ensino em turmas multisseriadas e suas condições de trabalho: um olhar para as escolas do campo na Região do Alto Solimões. In.: **RBEC** Tocantinópolis/Brasil v. 4, 2019. Disponível em

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/6230>. Acesso em 14 de abril de 2021.

FONSECA, Loiana Pereira. **Política pública aos “povos das águas”**: análise do acesso das famílias da Comunidade Vila Nova, em Parintins/Am, à política de assistência social. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAGE, S. M. et al. (Orgs.). **Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará**. 1. ed. Belém: M.M.Lima, 2005.

HAGE, Salomão Mufarrej. Transgressão do paradigma da (muti) seriação como referência para a construção da escola pública do campo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.35, n.129, p. 1165, out-dez., 2014.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Mônica Castagna (Org). **Por uma educação do campo**. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

MOURA, Terciana Vidal; SANTOS, Fábio Josué dos. **A pedagogia das classes multisseriadas**: Uma perspectiva contra-hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente. Maceió, v.4, nº 7, jan./Jul.2012.

SANTOS, Robson de Souza; SANTOS, Marilene. **Educação do Campo**: Classes Multisseriadas e Seus Desafios Pedagógicos. In: 10º Encontro Internacional de Formação de Professores (Enfope) e o 11º Fórum Permanente de Inovação Educacional (Fopie), 2017, Aracajú.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do campo**: Políticas, práticas pedagógicas e produção científica. Educ. Soc, Campinas, Vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set/dez, 2008.

VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. **Identidade cultural de estudantes rurais/ribeirinhos a partir das práticas pedagógica**. Dissertação -Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

VASCONCELOS, Maria Eliane de. **Educação do campo em Parintins**: limites e possibilidades (Org). São Paulo: Scortecci, 2016.

VASCONCELOS, Maria Eliane de; ALBARADO, Edilson da Costa. Educação, formação docente e territorialidades amazônicas. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 223, p.15-16, 2020.